



PARA ALÉM DO COGNITIVO: INTELIGÊNCIA EMOCIONAL, CRIATIVIDADE E GESTÃO DO CONHECIMENTO COMO ESTRATÉGIAS PARA UMA APRENDIZAGEM CRÍTICA

JANE CRISTINA LIMEIRA DA SILVA; TALITA MORENO DE MELO; THAISE MOSER TEIXEIRA; LETÍCIA FLEIG DAL FORNO

RESUMO

Este trabalho discute a relação entre inteligência emocional e processo de aprendizagem, com foco no desenvolvimento de competências socioemocionais em ambientes escolares. Parte-se do princípio de que essas competências — que incluem a capacidade de gerir emoções, estabelecer relações saudáveis e tomar decisões responsáveis — são cruciais para a formação integral do aluno. A pesquisa adota uma perspectiva crítica, analisando também a influência de organismos internacionais, como o Banco Mundial, cuja ênfase na Teoria do Capital Humano tende a reduzir a educação a uma função utilitarista. A metodologia combina revisão de literatura, análise documental e síntese de dados quantitativos provenientes de pesquisas empíricas sobre estilos de ensino, criatividade, desempenho escolar e inteligência emocional. Os resultados evidenciam que estilos de ensino participativos favorecem relações emocionais positivas e maior engajamento dos alunos, ao passo que a inteligência emocional e o raciocínio abstrato emergem como fortes preditores de desempenho acadêmico. Estudos recentes reforçam a associação entre competências socioemocionais e criatividade, motivação escolar e redução de problemas de comportamento. Ademais, a inteligência emocional revela-se vital na gestão do conhecimento, ao fortalecer o compartilhamento e a inovação em contextos educacionais. Conclui-se que a integração dessas habilidades ao currículo é essencial para uma educação mais crítica e humanizadora, desde que não subordinada exclusivamente às demandas do mercado de trabalho.

Palavras-chave: Gestão Educacional; Relação Professor-Aluno; Teoria do Capital Humano.

1 INTRODUÇÃO

O debate sobre competências socioemocionais ganhou destaque nas últimas décadas, adquirindo um peso equivalente às competências cognitivas na formação integral do estudante. Esse movimento reflete uma preocupação crescente com dimensões da aprendizagem que transcendem a mera aquisição de conteúdos, abrangendo capacidades como empatia, colaboração, autorregulação e tomada de decisão responsável (Muto; Galvani, 2023; Abed, 2014).

Ao mesmo tempo, organismos internacionais como o Banco Mundial exerceram forte influência sobre políticas educacionais brasileiras desde os anos 1990. A partir da Teoria do Capital Humano, promoveram uma visão de “aprender a aprender” voltada para a empregabilidade e produtividade, o que tende a instrumentalizar a educação (Sousa; Klein, 2025; Pires, 2018). Essa perspectiva gera tensões: de um lado, a legitimação de habilidades

socioemocionais como eixo formativo; de outro, o risco de reduzi-las a ferramentas para o mercado de trabalho.

No campo acadêmico, múltiplos estudos apontam que a inteligência emocional está associada ao desempenho escolar, à motivação e à criatividade (Nakano et al., 2022; Castro; Bueno; Peixoto, 2021; Manjarres et al., 2023). Contudo, revisões críticas destacam que ainda não há consenso sobre se a inteligência emocional deve ser tratada como preditora, mediadora ou consequência do desempenho acadêmico (Quílez-Robres et al., 2023).

Este trabalho examina o papel da inteligência emocional no processo de aprendizagem, com ênfase em três dimensões: (i) a relação professor-aluno e os estilos de ensino participativos (Ramos et al., 2024; Gebre; Demissie; Yimer, 2025); (ii) a associação entre criatividade e competências socioemocionais (Nakano et al., 2022); e (iii) o papel da inteligência emocional na gestão do conhecimento em ambientes educacionais (Borba et al., 2023). Busca-se demonstrar que a promoção dessas competências deve contribuir para a formação crítica e cidadã, e não apenas para a reprodução de um paradigma utilitarista.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo adota uma abordagem metodológica que combina a análise de diferentes tipos de pesquisa, visando à integração de resultados para construir uma visão abrangente sobre o tema. A metodologia é composta por uma revisão de literatura, uma análise documental e a síntese de dados quantitativos de estudos pré-existentes.

A etapa de revisão de literatura e análise documental, baseada no trabalho de Sousa e Klein (2025), consistiu na busca por documentos governamentais e de organismos internacionais, como o Banco Mundial, para rastrear a inserção das competências socioemocionais na educação brasileira entre 1990 e 2022. Esta abordagem permitiu a construção de uma base teórica e histórica, fundamentada no Materialismo Histórico-dialético, essencial para a crítica às políticas educacionais com viés utilitarista. A dimensão da gestão do conhecimento, por sua vez, foi explorada por meio de uma revisão de literatura (Borba et al., 2023) que analisou 15 artigos da base de dados Scopus para compreender a relação entre inteligência emocional e gestão do conhecimento em contextos organizacionais.

Para a análise dos dados quantitativos, foram sintetizados os resultados de diferentes pesquisas empíricas. O estudo sobre a relação entre estilos de ensino e a percepção dos alunos (Ramos et al., 2024) utilizou um modelo de Equações Estruturais (SEM) e testes de comparação de médias para avaliar a correlação entre estilos de ensino (diretivo e participativo) e as relações emocionais e educacionais percebidas por estudantes. A pesquisa de Nakano et al. (2022), realizada com 362 alunos do ensino fundamental em 13 escolas públicas de Pernambuco, Brasil, empregou testes de criatividade e um instrumento para avaliar competências socioemocionais, a fim de investigar a relação entre esses construtos. Adicionalmente, o trabalho de Castro et al. (2021) contribuiu com a análise de dados de 133 estudantes, utilizando regressões lineares e análise de rede para verificar como a inteligência emocional e o raciocínio abstrato predizem o desempenho escolar.

Por fim, a análise sobre a gestão escolar foi complementada por um estudo qualitativo (Teixeira & Lima, 2022) que utilizou um questionário baseado na Matriz Nacional Comum de Competências do Diretor Escolar (MCCDE). Os procedimentos adotados em cada estudo, incluindo os instrumentos e métodos de análise estatística (como o SEM e os testes de regressão), são detalhadamente descritos nas respectivas publicações, garantindo a reprodutibilidade da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos estudos bibliográficos e empíricos confirma que as competências socioemocionais e a inteligência emocional exercem um papel multifacetado no contexto

educacional, combinando evidências consistentes de impacto positivo sobre o desempenho escolar com críticas que alertam para sua possível instrumentalização por agendas externas ao campo pedagógico.

De início, estudos empíricos reforçam que práticas pedagógicas participativas se correlacionam positivamente com indicadores de engajamento e vínculos emocionais entre professor e aluno. Ramos et al. (2024) demonstram, por meio de modelagem de equações estruturais, que o estilo participativo exerce maior influência sobre a percepção discente do que o estilo diretivo, fortalecendo a relação afetiva e a motivação escolar. Esse resultado é complementado pela investigação de Gebre, Demissie e Yimer (2025), que, ao analisar a competência socioemocional docente, identificaram que, ainda que os efeitos sobre o engajamento sejam modestos, são estatisticamente significativos e apontam para a necessidade de investimento na formação emocional do professor.

No campo do desempenho escolar, a pesquisa de Castro, Bueno e Peixoto (2021) evidencia que a inteligência emocional e o raciocínio abstrato configuram-se como preditores robustos de desempenho em português e matemática, destacando a importância de integrar variáveis cognitivas e socioemocionais em análises educacionais. Esses achados dialogam com o estudo de Nakano et al. (2022), que, ao investigar estudantes brasileiros, demonstrou correlações significativas entre criatividade e habilidades como empatia e responsabilidade, indicando que a dimensão socioemocional favorece a expressão criativa e amplia as condições para aprendizagens inovadoras.

No plano internacional, revisões sistemáticas e meta-análises recentes reforçam a centralidade da inteligência emocional. Quílez-Robres et al. (2023) identificaram efeitos de moderados a altos sobre o desempenho escolar, embora também apontem divergências entre estudos que defendem correlações mais fracas ou indiretas. Manjarres et al. (2023) acrescentam que, apesar do crescimento exponencial da produção científica sobre inteligência emocional e aprendizagem, ainda há escassez de pesquisas longitudinais que comprovem efeitos sustentados ao longo do tempo. Essa controvérsia sugere que a IE não deve ser tratada como um determinante único, mas como variável interdependente em um conjunto de fatores cognitivos, sociais e institucionais.

Ao lado dos benefícios, a literatura crítica acrescenta um contraponto fundamental. Pesquisadores como Sousa e Klein (2025) e Muto e Galvani (2023) alertam que a ênfase dada às habilidades socioemocionais em documentos internacionais pode ser interpretada como expressão de pedagogias hegemônicas alinhadas à Teoria do Capital Humano. Nesse enquadramento, a educação deixa de ser vista como espaço de emancipação e passa a ser concebida como investimento em capital produtivo (Pires, 2018). A crítica consiste em evidenciar que, embora as socioemocionais favoreçam engajamento, criatividade e desempenho, podem também ser mobilizadas como instrumentos de adequação de comportamentos às exigências do mercado, esvaziando seu potencial formativo crítico.

Outro eixo emergente refere-se à gestão do conhecimento em ambientes escolares. Borba et al. (2023) destacam que, no campo organizacional, a inteligência emocional é central para o compartilhamento, a cooperação e a inovação. Quando transposta ao ambiente escolar, essa relação se revela igualmente estratégica: gestores e professores que desenvolvem competências socioemocionais tendem a criar ecossistemas de aprendizagem colaborativos, com maior capacidade de resolver conflitos e estimular a inovação pedagógica (Teixeira; Lima, 2022). Essa perspectiva aponta para a necessidade de compreender a escola como uma organização intensiva em conhecimento, onde IE e gestão do conhecimento se articulam para potencializar tanto a aprendizagem individual quanto a coletiva.

Por fim, lacunas regionais precisam ser destacadas. Shahab et al. (2025) observam que a maior parte das pesquisas sobre inteligência emocional e educação se concentra em países desenvolvidos, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa, deixando sub-representados os

contextos latino-americanos. Essa assimetria limita a generalização dos achados e reforça a necessidade de produção situada, capaz de considerar as especificidades culturais, sociais e econômicas da realidade brasileira.

Em síntese, a literatura aponta que a inteligência emocional e as competências socioemocionais possuem alto potencial para ampliar a qualidade da aprendizagem, fortalecer o vínculo professor-aluno, promover a criatividade e auxiliar na gestão do conhecimento escolar. Contudo, para que esse potencial seja emancipatório, é necessário que sejam incorporadas ao currículo e à prática pedagógica de modo crítico, evitando que sejam capturadas apenas como mecanismos de ajuste ao mercado de trabalho.

4 CONCLUSÃO

A análise empreendida ao longo deste estudo evidencia que a inteligência emocional e as competências socioemocionais constituem dimensões centrais para a aprendizagem, mas cuja função não pode ser reduzida a explicações simplistas ou utilitaristas. Os resultados confirmam que tais habilidades favorecem o engajamento discente, fortalecem o vínculo professor-aluno e se relacionam positivamente com o desempenho acadêmico em áreas fundamentais como português e matemática (Castro; Bueno; Peixoto, 2021). Além disso, a correlação entre criatividade e atributos como empatia e responsabilidade (Nakano et al., 2022) demonstra que a dimensão socioemocional expande o potencial formativo da escola para além dos limites cognitivos tradicionais.

A literatura internacional também reforça o papel relevante da inteligência emocional. Meta-análises recentes (Quílez-Robres et al., 2023) identificam efeitos de moderados a altos sobre a aprendizagem, ao mesmo tempo em que revelam divergências na mensuração e interpretação desses impactos. Esse cenário de resultados parcialmente contraditórios sugere a necessidade de cautela, indicando que a IE deve ser compreendida como variável interdependente de múltiplos fatores pedagógicos e institucionais, e não como solução isolada. Ao mesmo tempo, o debate crítico não pode ser negligenciado. Estudos como os de Sousa e Klein (2025) e Muto e Galvani (2023) apontam que a incorporação acrítica das competências socioemocionais às políticas educacionais brasileiras pode representar um desdobramento da Teoria do Capital Humano. Nessa perspectiva, há o risco de instrumentalização das socioemocionais como ferramentas de adequação comportamental ao mercado de trabalho, esvaziando o potencial emancipatório da educação. A tensão entre a contribuição pedagógica das habilidades socioemocionais e sua apropriação utilitarista constitui, portanto, um dos dilemas centrais do campo.

Outro ponto de destaque refere-se à gestão do conhecimento em ambientes educacionais. Pesquisas como as de Borba et al. (2023) e Teixeira e Lima (2022) reforçam que a IE é um ativo estratégico para gestores e professores na construção de ecossistemas escolares colaborativos, inovadores e aptos a lidar com conflitos. Essa articulação entre IE e gestão do conhecimento sugere que a escola deve ser concebida como organização intensiva em saberes, onde competências socioemocionais potencializam não apenas o aprendizado individual, mas também os processos coletivos de inovação pedagógica.

Ainda assim, o panorama da produção científica revela lacunas significativas. Há escassez de pesquisas longitudinais que permitam avaliar os efeitos duradouros da inteligência emocional na aprendizagem (Manjarres et al., 2023), bem como concentração geográfica de estudos em países desenvolvidos (Shahab et al., 2025). Essa assimetria reforça a urgência de ampliar investigações situadas no contexto brasileiro e latino-americano, capazes de considerar variáveis culturais, socioeconômicas e institucionais específicas.

Conclui-se, portanto, que a integração das competências socioemocionais e da inteligência emocional ao currículo escolar pode ser considerada uma estratégia promissora para uma educação mais humana, crítica e criativa. Contudo, para que esse potencial seja

efetivamente emancipatório, é fundamental desvinculá-lo de concepções utilitaristas e vinculá-lo a práticas pedagógicas que priorizem a formação integral do sujeito. Em termos de implicações práticas, gestores, professores e formuladores de políticas educacionais devem estar atentos não apenas às evidências de eficácia, mas também às tensões políticas e epistemológicas que permeiam o debate.

Como limitações, este estudo baseou-se em uma síntese de pesquisas secundárias, o que exige que futuras investigações empíricas aprofundem a análise em diferentes níveis e contextos educacionais. Recomenda-se, assim, a realização de pesquisas de caráter longitudinal e comparativo, capazes de elucidar a relação entre IE, criatividade, gestão do conhecimento e desempenho acadêmico ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, torna-se urgente ampliar a produção científica nacional, de modo a construir referenciais mais enraizados na realidade brasileira e latino-americana.

REFERÊNCIAS

- ABED, A. L. Z. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. **UNESCO**, Brasília, DF, 2014.
- BORBA, N. J.; ELIAS, M. L. G. R.; TENÓRIO JÚNIOR, N. N. Inteligência emocional e gestão do conhecimento: uma análise de literatura. **Revista Gestão e Secretariado (GeSec)**, São Paulo, v. 14, n. 12, p. 21285-21303, 2023.
- CASTRO, A. M. F. M. de; BUENO, J. M. H.; PEIXOTO, E. M. Socioemotional and Cognitive Skills: Its Relation to School Performance in Elementary School. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 31, e3137, 2021.
- CHAVES, C. M.; PINHEIRO, H. L. de A.; HAIASHIDA, K. A. A contribuição das competências socioemocionais para uma aprendizagem significativa. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022.
- MUTO, J. H. D.; GALVANI, M. D. O ensino das habilidades socioemocionais na escola: uma revisão de literatura. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023156, 2023.
- NAKANO, T. C.; PRIMI, R.; ALVES, R. J. R. Habilidades do século XXI: relações entre criatividade e competências socioemocionais em estudantes brasileiros. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 48, e247294, 2022.
- PIRES, L. N. **Os impactos do investimento na primeira infância: uma abordagem através de habilidades cognitivas latentes**. 2018. 99 f. Dissertação (Mestrado em Economia de Empresas) - Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2018.
- RAMOS, G. A. et al. Teacher-student relationship and teaching styles in primary education. **Educational Research Review**, v. 35, 2024.
- SOUSA, J. de F. A.; KLEIN, L. Habilidades socioemocionais: melhoria educativa ou educação controlada? **Revista Contexto & Educação**, Ijuí, v. 40, n. 122, e16424, 2025.
- SOUZA, L. A. S.; SANTOS, E. S. O ensino de habilidades socioemocionais seu papel no

sucesso escolar. **Visão**, Caçador, SC, v. 13, n. 1, p. e3500-e3500, 2024.

TEIXEIRA, V. B. R.; LIMA, S. C. **Compartilhamento do conhecimento: relação entre GC e gestão escolar**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Escolar) - Faculdade Única, Ipatinga, 2022.